

COMENTÁRIO AO TEXTO DE RODRIGO TONIOL

A BELEZA E A MORTE MATERIAL DOS TEMPLOS¹

Adriano Godoy²

Resumo: Este comentário ao artigo “A vida material dos templos católicos”, de Rodrigo Toniol, estabelece um diálogo a partir de duas referências: as crônicas de Lima Barreto sobre as transformações urbanas do Rio de Janeiro e uma entrevista com um bispo católico sobre as obras da Basílica de Nossa Senhora Aparecida. A partir delas, ressalta a busca por beleza como motor para a vida e antídoto para a morte material dos templos. Essa busca está intimamente ligada à própria sobrevivência das igrejas, que estão sempre em construção: obras, manutenção, arrecadação de fundos e transformações fazem parte de uma tarefa religiosa de manter a igreja viva. Por fim, defende que a pesquisa em arquivos pode adensar as investigações antropológicas sobre catolicismo, considerando como arquivos fazem e desfazem igrejas.

Palavras-chave: Arquitetura Religiosa; Religião Material; Estética Católica.

¹ Como citar: GODOY, Adriano. Comentário ao texto de Rodrigo Toniol. A beleza e a morte material dos templos, Porto Alegre, *Debates do NER*, ano 26, n. 47, e156323, 2026.

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil. Atualmente é pesquisador de pós-doutorado no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, Brasil. Nessas instituições é membro do Laboratório de Antropologia da Religião e do Núcleo de Religiões no Mundo Contemporâneo. INTRODUÇÃO É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo nº 21/06041-7), Brasil. E-mail: adriano.godoy@cebrap.org.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2347-5311>.

COMMENTARY ON THE TEXT BY RODRIGO TONIOL

THE BEAUTY AND MATERIAL DEATH OF TEMPLES

Abstract: This commentary engages with Rodrigo Toniol's article "A vida material dos templos" through two points of departure: Lima Barreto's chronicles of Rio de Janeiro's urban transformations and an interview with a Catholic bishop about the ongoing construction of the Basilica of Our Lady Aparecida. Together, they bring into focus the pursuit of beauty as a force that sustains the life of churches and counters their material death. Since churches are never truly finished, construction, maintenance, fundraising and physical alteration become part of the religious work of keeping them alive. The commentary concludes by arguing that archival research can deepen anthropological approaches to Catholicism by examining how archives participate in the making and unmaking of churches.

Keywords: Religious Architecture; Material Religion; Catholic Aesthetics.

INTRODUÇÃO

Ao ler o artigo *A vida material dos templos católicos* (2026), publicação de Rodrigo Toniol neste volume, me vieram à mente duas referências que usarei para estabelecer um diálogo. Uma do campo da literatura e outra das minhas próprias pesquisas de campo. É a partir delas que situarei esse debate sobre a beleza e a morte.

A BELEZA MATERIAL DOS TEMPLOS

A primeira referência vem mais especificamente da coletânea *Lima Barreto: Cronista do Rio* (Resende, 2017). Confesso que comprei esse livro pela capa: ela traz uma fotografia que ressalta em primeiro plano a demolição de alguns prédios no Rio de Janeiro, logo ao lado da igreja de São Francisco de Paula, sendo possível ver ao fundo o convento de Santo Antônio. A

primorosa proposta editorial dessa coletânea publicada pela Autêntica, em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional, intercala fotografias e crônicas sobre paisagens urbanas cariocas entre o final do século XIX e o começo do século XX. A autoria das fotografias é variada, algumas anônimas, mas a maioria foi feita por Augusto Malta, incluída a da capa. Como explica Beatriz Resende, organizadora da coletânea, Malta era o fotógrafo oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro entre 1903 e 1936. Ou seja, registrou as intervenções urbanas de Pereira Passos, o que resultou em um vasto acervo de fotografias de imóveis sendo demolidos e que compõem o livro. Já as crônicas são todas de Lima Barreto, escritor que vivenciou a cidade nesse mesmo período e que deixou bem evidente nos jornais o quão insatisfeito e furioso estava com o bota-abaixo do Hausmann tropical.

Como não poderia deixar de ser, os templos e as questões religiosas têm algum protagonismo nesses textos e fotografias sobre a antiga capital brasileira. Como exemplo, trago a seguir uma seleção de três crônicas. A primeira é *O Convento*, de 1911, na qual Lima Barreto discorre sobre a demolição do Convento da Ajuda para dar lugar a um hotel estrangeiro:

O aspecto anticlerical com que eles escondem esse desejo de fazer da cidade um improviso catita nada vale. Em geral, são sempre os monumentos religiosos que ficam. O Paternon era um edifício religioso; e religiosos eram os monumentos da Carnac. As catedrais góticas irão abaixo quando o catolicismo não tiver mais nem um adepto? Não (Lima Barreto, 2017a, p. 56).

Já em *A Derrubada*, de 1914, ele versa sobre a retirada das grades do Passeio Público:

É preciso acabar com essa história da Grécia e de imaginar que os gregos tinham uma única concepção de beleza e que foram belos, como os mármore que nos legaram. Convém não esquecer que tais mármore são imagens religiosas e sempre os homens fizeram os seus deuses mais belos, mesmo quando os fazem humanos (Lima Barreto, 2017b, p. 61).

Enfim, em *O Jardim Botânico e suas palmeiras*, de 1919, Lima Barreto faz uma ode ao granito das igrejas como a matéria prima ideal para a cidade:

Nas construções oficiais, oficiosas e particulares, é raro ver o emprego do granito do Rio. Tudo é tijolo, e o velho granito do Rio, tão velho quanto a terra, não é empregado senão no estritamente necessário aos alicerces e aos baldrames. Viollet-le Duc encontrava como regra geral obedecida pelos arquitetos das catedrais do Medievo o aproveitamento do material de construção que encontravam nos arredores do lugar que tinham que erguê-las. As nossas igrejas do século XVIII, a não ser um ornato ou outro de lioz lisboeta, obedecem a esse princípio. Em todas elas o nosso granito, em que a mica faísca e as granadas pequeninas brilham mestiças, a pedra cantaria domina, é a pedra do Rio de Janeiro (Lima Barreto, 2017c, p. 83-84).

Inconformado com o abandono do granito nas novas construções, ele então busca justificativas plausíveis:

Sob ação do tempo, devido à ação química dos princípios de que as águas meteóricas vêm carregadas, o granito enegrece, como a pedra calcária das catedrais góticas também. Aqui usam o termo “picotar” (creio que os pedreiros chamam assim); lá, porém, não; deixam tal e qual. É a pátina do tempo e o encanto superior das grandes obras que só o tempo sabe dar. O que não se faz com o tempo, o tempo nunca ou quase nunca respeita... Por falar nisso: um amigo que foi à Europa, há anos, perguntei:

– O que achaste da “Notre-Dame”!

– Não gostei... Tudo negro, negro, negro... Parece F.

Esse F. era um deputado negro muito popular naqueles anos. É o caso de se observar que todo brasileiro finge quizília com os negros; mas os mulatos não cessam de nascer, e alguns maravilhosos... Ia eu dizendo, porém, que

as nossas construções ultramodernas e ultrachiques são hediondas (Lima Barreto, 2017c, p. 84).

O que mais me chama atenção nessas crônicas de Lima Barreto é o protagonismo narrativo de materiais específicos para falar da beleza. Ou, ainda, da busca pelo belo na religião, como fica mais explícito ao discorrer sobre o mármore grego. Ao falar de conventos e de catedrais, o escritor faz um jogo contínuo de contraposição dos referenciais de beleza arquitetônica e urbanística entre a Europa e o Rio de Janeiro. Muito antes da “religião material”, com muito refinamento textual, Lima Barreto recorre aos elementos materiais básicos das construções religiosas – mármore, calcário, granito, tijolo – para ressaltar sua crítica explícita ao mau gosto e ao racismo das elites políticas e econômicas brasileiras. Na sua percepção, essas elites buscam replicar padrões estéticos europeus, em nome da modernidade e do progresso, construindo pastiches onde antes havia mais originalidade material e criativa. Picotar o granito enegrecido pela pátina, buscando seu clareamento, é a forma mais evidente.

Não busco aqui fazer uma análise literária da obra de Lima Barreto, até porque não teria competência para tanto. Escolhi essas três crônicas por considerar que podem ser especialmente proveitosas para debater o artigo de Rodrigo Toniol, já que ele propõe justamente uma abordagem material de algumas demolições de igrejas entre o Rio de Janeiro e a Alemanha.

Um dos pontos altos do argumento de Toniol é o de que as ciências sociais teriam muito a oferecer para uma agenda de pesquisa sobre templos católicos. Essa proposta vem na esteira de alguns outros antropólogos contemporâneos que têm buscado abordar a arte e a arquitetura a partir de novos referenciais disciplinares, estabelecidos a partir da diferenciação das tradições epistemológicas da história da arte e da arquitetura enquanto disciplinas (Verkaaik, 2013; Menezes, 2018; Godoy, 2018; Stender, 2025). Contudo, indo além da especulação teórica, o esforço muito bem-vindo de Toniol está em oferecer um roteiro, um mapa do caminho para quem se interessa em conduzir essas pesquisas. Roteiro esse bem fundamentado a

partir da experiência da equipe “Passagens”, por ele coordenada, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Não recapitularei aqui cada um dos passos indicados por Toniol, mas informado pela constatação de Lima Barreto de que “sempre os homens fizeram os seus deuses mais belos”, os meus primeiros comentários vão na mesma direção: como fazemos para equacionar a busca e a disputa pela beleza na vida material dos templos? Como fazemos para incorporar, nas agendas de pesquisas das ciências sociais, a beleza material como um fator norteador e motivador para as religiões?

Quando falo de beleza não me refiro aos referenciais estéticos dos grandes cânones da história da arte, tais quais os mármore gregos. Pelo contrário, me refiro à busca cotidiana e contínua de cuidar e cultivar um templo para que ele fique ajeitado, aprazível e confortável para aqueles que o frequentam. Isto é, dialogue e orne com as sensibilidades estéticas dos visitantes (Godoy, 2023). O que pode, inclusive, ir contra outras sensibilidades, como ficou conhecido o caso do Cristo de Borja (Menezes, 2013). Em nome dessa beleza ordinária que são expostas, dentro de igrejas católicas, flores de plástico, anjos de gesso, cortinas de PVC e tapetes de tricô. Indo além de objetos móveis, essa mesma busca por beleza e conforto podem implicar em mudanças mais estruturais como a troca de portas de madeira por de vidro temperado e paredes de concreto por *drywall*. A beleza do templo costuma estar atrelada à praticidade e à viabilidade de cada mudança pretendida. A meu ver, essa busca pela beleza está intimamente ligada à busca pela própria sobrevivência. Desenvolvo esse ponto a seguir.

A MORTE MATERIAL DOS TEMPLOS

A segunda referência que me lembrei, ao ler o artigo de Rodrigo Toniol, foi uma entrevista que fiz com um bispo católico. Conversávamos sobre o seu papel enquanto gestor das obras da Basílica de Nossa Senhora Aparecida (Aparecida/SP) e ele argumentava que o seu principal papel era “manter

a igreja viva”. Em dúvida se ele falava da comunidade, da instituição ou do templo – da Igreja ou da igreja – logo percebi que era tudo ao mesmo tempo. Assim como na fala, na prática não haveria grandes distinções entre maiúscula e minúscula. Ou seja, ele buscava manter a comunidade, a instituição e o templo vivos. Para embasar seu argumento, o bispo logo fez uma contraposição do que considerava uma “igreja morta”: as catedrais europeias. Na sua avaliação, essas igrejas se tornaram museus, já que foram congeladas no tempo e esvaziadas de seu propósito original para servirem aos visitantes apenas como testemunhas do passado. Retomando o caso da Basílica de Aparecida, o bispo me disse que ela continuaria em construção indefinitivamente, sem prazo, enquanto houvesse pessoas e dinheiro. Como o seu objetivo era que aquela igreja não morresse, não se tornasse um museu, as obras em andamento confirmavam que ela estava, sim, viva.

Essa conversa me marcou e continuou reverberando, de diferentes maneiras, nas pesquisas que venho desenvolvendo desde então. De fato, o que percebo de pequenas capelas a grandes catedrais católicas é que as obras são parte fundamental e central na “vida material dos templos”. Seja na troca dos bancos, das telhas e do ar-condicionado, na acessibilidade dos banheiros e das escadas ou na restauração das fachadas, das imagens e dos sinos, sempre há uma pendência a ser resolvida no templo. E a resolução desse problema envolve esforços da comunidade e da instituição, com muito trabalho e dinheiro envolvidos. Essas resoluções não são feitas de maneira lateral, como uma tarefa meramente administrativa, mas como uma tarefa religiosa: manter a igreja viva. A arrecadação de fundos e a prestação de contas das obras costuma ocorrer durante as missas e as novenas, além de justificar eventos religiosos como festas, feiras e quermesses. É esse, aliás, o tema de mais uma crônica de Lima Barreto: “Feiras e Mafuás” de 1921. Nesse texto, o escritor explora como é que a proliferação de feiras, no Rio de Janeiro, era justificada pela construção, manutenção e ampliação de igrejas na cidade.

Nesse sentido, considero que outro ponto alto do argumento de Toniol é a sua ênfase metodológica em se atentar para as transformações e para o

caráter mutável dos templos. De fato, é inegável quão dinâmica pode ser a vida de um templo e a riqueza analítica dessas múltiplas transformações para as ciências sociais. Contudo, não fiquei convencido que seria analiticamente profícua a distinção que é feita entre a construção e a manutenção do templo ou, em suas palavras, a oposição da literatura entre “o momento da construção” e “as situações ordinárias e corriqueiras”. Na minha avaliação, não haveria um momento específico da construção porque as igrejas estão sempre em construção. As transformações do templo se iniciam antes dele existir, com a escolha de terrenos e projetos arquitetônicos, continuam com a benção da pedra fundamental, e se estendem por décadas a fio depois do momento oficial da consagração. Via de regra, uma igreja nova começa a sediar missas e celebrações ainda rodeada de andaimes e sacos de areia. Cena que se repete periodicamente, com cada nova intervenção: a construção é ordinária e corriqueira.

Talvez valha ser feita uma ponderação de qual vida e de qual templo estamos falando. Todos os templos são iguais, mas alguns templos são mais iguais que outros. Falo isso pensando especialmente no espetáculo de inauguração da Sagrada Família, presidida pelo papa em Barcelona, que aconteceu enquanto eu escrevia essas palavras. Olharmos para a construção de basílicas e catedrais, no centro de grandes cidades e capitais, pode evidenciar aspectos que são particulares desses tipos de construção monumental, mais voltados para a presença pública e a disputa política (Giumbelli, 2020; Godoy, 2023). Ao levarmos em conta pequenas capelas, rurais e periféricas, é de um outro tipo de vida que estamos falando. No caso, a vida da imensa maioria dos templos no Brasil.

Com isso, chego ao meu último comentário neste debate sobre o artigo de Toniol, voltado para a sua ênfase na eternização dos templos. De fato, há uma farta liturgia embasada em teologias e tecnologias sobre como deve ser construída uma igreja atemporal, do estilo arquitetônico aos materiais utilizados (Pastro, 1999; Arias, 2019). Contudo, nas pequenas igrejas, a construção costuma ser marcada pela escassez e pelo improviso. Há força de vontade, desejos e planos, mas faltam recursos. As obras costumam ser,

em sua maioria, estruturais e emergenciais: refazer uma viga, remendar uma rachadura, caiar uma parede mofada, tapar a goteira, trocar o vidro quebrado da janela. Nas rifas para comprar sacos de cimento não existem tratados de teologia nem manuais de arte sacra. A fragilidade e perecibilidade do templo é notória e sensível para todos envolvidos, incluídos o bispo e o padre responsáveis, versados nesses tratados e formados com esses manuais. O desafio da construção não é eternizar o templo, mas mantê-lo em pé. E não são poucos os templos que sucumbem e morrem, podendo ressuscitar ou não. A demolição é uma das mortes possíveis. Isto posto, são muitas as vidas possíveis após a morte de um templo católico: bar, balada, teatro, livreria, galeria de arte, escritório, auditório, loja de lustres, academia, restaurante, hostel e mesquita são alguns dos quais já conheci, todos eles europeus. Já entre os brasileiros, por enquanto, conheci apenas museus e ruínas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse debate com o artigo “A vida material dos templos católicos”, busquei ressaltar a busca por beleza como motor para a vida e antídoto para a morte. Seja para Lima Barreto como para o bispo católico, essa busca material traz consigo um jogo de contraste entre o Brasil e a Europa. Jogo esse também estabelecido textualmente por Rodrigo Toniol entre Leipzig e Rio de Janeiro. É a partir desse contraste que farei minhas considerações finais.

Considero muito pertinente o destaque, feito por Toniol, ao defender a pesquisa em arquivos como sua primeira frente metodológica. Concorro que as pesquisas antropológicas sobre catolicismo têm muito a ganhar e adensar na medida em que incluem os arquivos em seu escopo, o que também busco fazer nas minhas próprias investigações. Somando a essa discussão, contudo, gostaria de trazer o contraste posto entre templos também para os arquivos europeus e brasileiros.

Existe uma literatura voltada para as peculiaridades de arquivos coloniais, a partir do qual as ciências sociais têm se questionado sobre

como fazer pesquisas a partir de ausências e silenciamentos (Trouillot, 2024; Hartman, 2020). Na minha avaliação, essa literatura pode ser também profícua para abordarmos os templos. E digo isso por nos estimular a questionar ativamente a materialidade dos arquivos, eclesiais e públicos. A Igreja Católica, enquanto formalmente parte do poder colonial e imperial brasileiro, produziu vastos documentos e mantém vistosos arquivos. Grande parte deles ainda inacessível ou então acessível de maneira parcial e cautelosa. São esses arquivos que costumam fundamentar políticas de patrimonialização e monumentalização do catolicismo. A partir da antropologia e das ciências sociais, como podemos incorporar analiticamente essas políticas de acesso ao arquivo em nossas investigações? Além de considerar as informações passivamente contidas nos documentos, também devemos os considerar enquanto produtores de conhecimentos, sensibilidades e materialidades religiosas. Arquivos fazem e desfazem igrejas. Um templo se mantém e se transforma também a partir de papéis acessíveis e inacessíveis. São esses papéis que poderão definir se ele será tombado, destombado, condecorado, ignorado, demolido ou reerguido.

REFERÊNCIAS

- ARIAS, Fernando López. *Projetar o espaço sagrado: o que é e como se constrói uma igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- GIUMBELLI, Emerson. Monumentos religiosos como um novo tipo de objeto: genealogia e atualidade de uma forma de presença católica no espaço público. *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, v. 5, n. 1, 2020.
- GODOY, Adriano. Por uma antropologia da arquitetura religiosa. *Debates do NER*, v. 2, n. 32, p. 315–322, 2018.
- GODOY, Adriano. Uma basílica grande e bela como o Brasil: a fabricação de um catolicismo monumental. *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, v. 55, n. 1, 2023.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. O Convento. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Lima Barreto: cronista do Rio*. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Autêntica Editora e Fundação Biblioteca Nacional, 2017a.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. A Derrubada. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Lima Barreto: cronista do Rio*. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Autêntica Editora e Fundação Biblioteca Nacional, 2017b.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. O Jardim Botânico e as suas palmeiras. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Lima Barreto: cronista do Rio*. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Autêntica Editora e Fundação Biblioteca Nacional, 2017c.

MENEZES, Renata. Reflexões sobre a imagem sagrada a partir do Cristo de Borja. In: REINHEIMER, Patrícia; PARRACHO SANT'ANNA, Sabrina (Org.). *Reflexões sobre arte e cultura material*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013.

PASTRO, Cláudio. *Guia do espaço sagrado*. Petrópolis: Edições Loyola, 1999.

RESENDE, Beatriz (org.). *Lima Barreto: cronista do Rio*. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Autêntica Editora e Fundação Biblioteca Nacional, 2017.

STENDER, Marie; BECH-DANIELSEN, Claus; LANDSVERK HAGEN, Aina; KOBİ, Madlen; ZHOU, Ying. (Eds.). *The Routledge Handbook of Architecture and Anthropology: Contemporary Approaches to a Cross-Disciplinary Field*. London: Routledge, 2025.

TONIOL, Rodrigo. A vida material dos templos católicos. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e156134, 2026.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

VERKAAIK, Oskar (org.). *Religious Architecture: anthropological perspectives*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2013.

Recebido em: 18/06/2026

Aprovado em: 26/06/2026